

DISCURSOS EDUCACIONAIS E IMPRENSA

Vania Regina Boschetti¹
Valdelice Ferreira²

RESUMO: O artigo procura reconhecer no período da 1^a República -1889/1930, o processo de escolarização em Sorocaba/SP: os meios, a escola pretendida, os conceitos, a diversificação de interesses em torno da escola, como e por quem foram manifestados. O referencial teórico faz seu percurso pela história da educação da cidade, tendo a imprensa como registro. O texto dialoga com dois jornais: “O Operário”, periódico de manifestação anarco-sindicalista, e, “O Cruzeiro do Sul”, de tendência conservadora e órgão representativo do Partido Republicano Paulista. A análise das publicações, tem por objetivo, identificar os conflitos e o interesse dos grupos que apóiam a escolarização. Esse apoio em expansão, promove a passagem da questão educativa, até então restrita ao espaço doméstico, para o espaço público. Mais especificamente, busca reconstruir o ideário para o qual convergiam o capital, operários e imprensa enquanto formadora de opinião. O capital, precisando de mão-de-obra com domínios de leitura, escrita e cálculo e, melhor qualificada para atender à economia de um mercado exigente; os operários, marcados pela dependência socioeconômica, pleiteavam escola que trouxesse o resgate de direitos e superação das dificuldades. A imprensa se apresentava com a argumentação própria do grupo a que representa. “O Operário”, era insistente e radical ao cobrar das autoridades os direitos à educação. A imprensa conservadora, propagando a concepção positivista, defendia uma educação tradicional, com formação moral e cívica, o que na época aproximava os segmentos católico e protestante. Por esse discurso, a instalação de escolas e a consequente oferta de trabalho, era responsabilidade do poder público para educar o cidadão, coibir a indisciplina, contribuindo para o desenvolvimento do país. Tal manifestação da imprensa representa-se pela relação ordem-trabalho-educação-progresso. O artigo considera, portanto, de que formas e por quais argumentos, os dois jornais se tornaram portadores das lutas pela escola sorocabana no período abordado.

Dra. em Geografia pela FFLCH; Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. E-mail: vania.boschetti@uniso.br. End: Av. Dr. Eugênio Salerno 100/140 – CEP: 18035-730 – Sorocaba, SP

² Doutoranda em Educação na UNIMEP. Coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade de Sorocaba. E-mail: valdelice.ferreira@uniso.br. Av. General Osório, 35 – CEP: 18060-000 – Sorocaba, SP

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Imprensa. Escola.

EDUCATIONAL SPEECHES AND THE PRESS

ABSTRACT: The present paper attempts to recognize, within the period of the First Republic (1889/1930), the schooling process in Sorocaba/SP: the means, the intended school, the concept, the diversification of interests about the school, as well as how and by whom they were manifested. The theoretical referential makes its way through the history of education in the city, having the press as its records. The text dialogues with two newspapers: *O Operário*, a periodic whose content is an anarcho-syndicalist manifest, and, *O Cruzeiro do Sul*, of a conservative tendency, and a representative segment for the Paulista Republican Party (São Paulo). The analysis of the prints aims to identify the conflicts and the interest of groups that support schooling. Such expanding support encourages the move of the educational subject, till then restricted to a domestic space, to the community. More specifically, it aims to reconstruct the ideal to which converged the capital, the workers, and the press, while a decision maker. The capital, required a labor force that could read, write, do the math, and be better qualified to supply a demanding market economy; the workers, characterized by a social economical subordination, pleaded a school that would make it possible to recover individuals' rights, and to overcome difficulties. The press would present itself with the reasoning characteristics of the group which it represented. "O Operário" was insistent and radical at demanding from the authorities the rights to education. The conservative press, spreading the positivist concept, defended a traditional education, with moral and civic formation, which, at that time, brought the catholic and protestant segments closer. Through this approach, the settling of new schools, and the consequent job offers, were understood as government responsibilities, so as to educate the citizens, restrict insubordination, and thus contribute to the nation development. Such press manifest is represented through the order-work-education-progress relation. This paper takes into consideration how and through which arguments, both newspapers carried the fights for schools in Sorocaba, during the time here selected.

KEY WORDS: Education. Press. School.

1 A CIDADE E O IMIGRANTE

Localizada a sudoeste do estado de São Paulo, Sorocaba é hoje uma das mais promissoras cidades brasileiras. Com população de aproximadamente 600 mil pessoas, destaca-se por ser um centro industrial bastante desenvolvido, cujas origens remontam há séculos passados. Ao contrário do ocorrido na maior parte do país, a atividade econômica básica da cidade, não se sustentou na produção agrícola. Situada estrategicamente no "meio do caminho" entre o sul e a região de exploração mineradora - Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, foi durante muito tempo o local de realização privilegiada das feiras de muares. O comércio das tropas, realizado periodicamente,

Imprimiu o tom econômico e a tradição tropeira que deram origem e característica à cidade. Durante o século XVIII Sorocaba projetava-se no contexto nacional como eixo econômico entre as regiões norte, nordeste e sul.

Portanto, vêm do período colonial as primeiras demarcações industriais da cidade de Sorocaba que, realizadas em caráter artesanal, davam suporte às necessidades da economia tropeira. A produção de arreios, redes, chicotes, estribos, chapéus, correias, cintos, garantia o atendimento dos tropeiros nas grandes jornadas pelo país. Em caráter mais extensivo, é de Sorocaba a primeira siderurgia brasileira: a fundição de ferro em Ipanema, que operando por meio dos fornos rústicos da Catalunha, funcionou esporadicamente no século XVI até ter proibido seu funcionamento pelo Alvará de D. Maria I³, só voltando a funcionar no século seguinte quando da liberação de atividades industriais - o que permitiu, gradativamente, o desenvolvimento do setor industrial na cidade e região. Alguns fatores foram determinantes para que isso acontecesse: facilidade de transporte, matéria-prima e mão-de-obra baratas, cultivo de algodão e as experiências por ele provocadas: mecanização de fábricas de descaroçar, cortar, fiar e tecer. Além disso, a inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana, “costurando mais de 50 municípios paulistas”, apresentava-se como o ramal ferroviário que ligava Sorocaba a Itu e Jundiaí e, consequentemente ao porto, pela Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. A instalação da Sorocabana precisa também ser entendida como uma articulação de poder do setor governamental e da elite local.

A construção da Sorocabana só pode ser entendida pela ótica do jogo de interesses políticos locais que não mediram esforços para arrecadar dinheiro suficiente para a construção da ferrovia, estabelecendo relações em várias escadas, chegando a obter capital interno e externo. Um dos caminhos foi usar a Fábrica de Ferro de Ipanema para levantar capital junto ao Imperador [...]. (STRAFORINI, 2001, p. 106)

Foi a partir do final do século XIX que a tendência industrial da cidade emergiu com mais força. Demarcou essa condição a fundação da Fábrica Nossa Senhora da Ponte, instalada por Manuel José da Fonseca, imigrante português abolicionista que com a fábrica colocava a cidade no centro da tecelagem de algodão.

³ O Alvará de D. Maria I, Rainha de Portugal, proibia a instalação/funcionamento de fábricas no Brasil Colônia: “hei por bem ordenar que todas as fábricas, manufaturas ou teares de galões, de tecidos, de bordados de ouro e prata, de veludos, brilhantes, cetins, tafetás, (sic); excetuando-se tão somente aqueles ditos teares ou manufaturas em que se tecem, ou manufaturam, fazendas grossas de algodão, que servem para o uso e vestuário de negros (sic); todas as mais sejam extintas e abolidas por qualquer parte em que se acharem em meus domínios do Brasil, debaixo de pena de perdimento, em tresdobre”. (MENDES JR.; RONCARI; MARANHÃO, 1977, p. 54-55)

No início do século seguinte, ainda em decorrência do cultivo de algodão, foi fundada a Fábrica de Óleos Santa Helena, por outro imigrante português, Antonio Pereira Inácio. Apesar da origem humilde, Pereira Inácio, provido de perspicácia e visão comercial, comprou dos Estados Unidos maquinário e aprendizagem para extração de óleo comestível, lançando o Óleo de Algodão Primus; produzia também subprodutos como torta de sementes utilizadas como ração animal e no fabrico de sabão.

Articuladas, as duas frentes (indústria e ferrovia) fazem de Sorocaba um ponto de atração de migração e imigração. A grande maioria dos que aportaram à cidade estava atraída pela composição da força de trabalho. Mas, investimentos financeiros também faziam parte dos interesses. Em alguns casos as pessoas vinham munidas de algum capital para aplicar num setor que se apresentava com possibilidades de crescimento. Em outros, o capital em desenvolvimento atraia parcerias e sociedades com grupos de economia sólida atuando no país. Como exemplo, a associação de Pereira Inácio com Francisco Scarpa na compra do Banco União, instituição que deu início ao atual Grupo Votorantim. Posteriormente, Pereira Inácio comprou a parte do sócio. O Grupo se expandiu progressivamente, e, sob o comando de José Ermírio de Moraes (que se tornou genro de Pereira Inácio) consolidou o complexo industrial que é hoje.

Voltando ao imigrante que se constituiu em mão-de-obra, algumas particularidades podem ser destacadas:

- a) aqueles com algum capital eram ligados ao comércio de algodão, abriram indústrias variadas, inclusive para abastecimento nacional, como é o caso da produção de banha de porco enlatada, da família Matarazzo;
- b) vieram também alemães e ingleses que, de seus países, trouxeram experiência técnica para fábricas e ferrovias; compunham uma pequena burguesia moradora da região central da cidade;
- c) os portugueses sem fortuna se dedicaram ao comércio, às pequenas indústrias sendo que, alguns poucos tiveram participação representativa na imprensa, como o texto apontará.
- d) os imigrantes sem capital e sem estudo eram, principalmente, italianos e espanhóis. Os imigrantes italianos chegaram ao país em 1870. Para Sorocaba vieram grupos providos de alguma instrução e capital, dedicando-se à criação de indústria e ao comércio, chegando mesmo a abrir pequenos negócios para venda de vinho, azeite e frutas. Mas, a maioria trouxe como capital a força do próprio trabalho, direcionada à estrada de ferro ou fábricas de tecido. Também

exerceram atividades diversificadas, estabelecendo-se como costureiras, alfaiares, garçons, músicos, mascates, carroceiros.

Os espanhóis por sua vez, chegaram a partir de 1895, intensificando o fluxo nas primeiras décadas do século XX. Provinham da região de Andaluzia. O Censo Nacional de 1920 registrava a presença de 2.500 imigrantes espanhóis em Sorocaba. Pobres e analfabetos encaminharam-se para a agricultura de subsistência ou para as indústrias têxteis.

Os imigrantes foram descritos de forma pitoresca por Almeida (1969, p. 220):

Os colonos italianos não iam para as fazendas e davam à cidade um ar cosmopolita, por sinal que às vezes provocavam algum barulho, por mera distração. A colônia portuguesa sempre recebendo novos rapazes caixeiros, futuros genros e sócios, troncos de importantes famílias.

Portanto, a participação estrangeira na composição do contingente operário da cidade, está ligada à especificidade que as frentes de trabalho exigiam. Na construção da Estrada de Ferro Sorocabana, por exemplo, de acordo com Araújo Neto (2006), os imigrantes compunham 17,5% dos trabalhadores contratados, que, em sua maioria eram portugueses. Mas, além dos já mencionados, à cidade também aportaram austríacos, alemães, turcos e, em menor número, sírios e romenos. Era comum a ferrovia proceder a contratação de grupos, sinalizando assim para trabalhos de empreitada que conservava a mesma equipe até a finalização das etapas da obra.

À medida que as exigências do trabalho foram se tornando mais precisas em decorrência da montagem de maquinários, possibilidade de melhorias de produção e, consequente aumento de produtividade, a força bruta de trabalho precisou ser burilada e acrescida de elementos básicos de leitura, escrita e cálculo. Na verdade, por menor que fosse o domínio escolar, agregava valor à labuta diária permitindo melhor expressão, comunicação mais fácil, entendimento e explicação - afinal, como diz Nosella (2006), não se pode produzir sem entender o contexto do trabalho e sem se comunicar com os outros trabalhadores. Foi assim que a escolarização começou a ser entendida como um elemento importante no contexto econômico.

2 CONTEXTUALIZANDO A ESCOLARIZAÇÃO

A demanda por escolarização se fez em Sorocaba, quando o alijamento escolar da população começou a ser empecilho ao desenvolvimento econômico pretendido. Para melhor compreensão de o que tal afirmação significa, o texto empresta algumas das reflexões de Álvaro Vieira Pinto⁴ sobre as características histórico-antropológicas da educação. Para o autor a educação:

- a) é processo histórico da vida pessoal e social, configurando o homem em sua realidade;
- b) é fato social referente à sociedade como um todo;
- c) é modalidade de trabalho social que busca formar para o desempenho e a atividade produtiva;
- d) possui natureza contraditória, pois implica a conservação de práticas sociais viventes e também na criação de novos recursos para substituir ou melhorar condições da ordem social e econômica.

À proporção que a expansão industrial acontecia e se deparava com modernização de maquinário e dos recursos operacionais e de funcionamento das fábricas e empresas, o capital necessitou de mão-de-obra com domínios de leitura, escrita e cálculo e, que estivesse melhor qualificada para atender à economia de um mercado exigente. Na concepção de Goergen (2005), ao patronato interessava dispor de um trabalhador competente, hábil no manejo de conhecimentos e técnicas, ou ainda, maleável e adaptável aos intentos do capital que exige competência, competitividade e busca vantagens. A introdução dessa idéia de escolarização e sua importância funcional estabeleceram uma nova maneira de pensar e de sentir a vida, o trabalho e as possibilidades de desenvolvimento pessoal.

Reconhecer no período da República Velha (1989-1930)⁵ as etapas pela escolarização: os meios, a escola pretendida (propedêutica ou profissional) e a sua concepção teórica, remete a uma análise do discurso enquanto construção de um ideário para o qual convergiam os operários, o capital e a imprensa enquanto formadora de opinião. São grupos com distintas visões e leituras. Os operários, por exemplo, marcados pela dependência e absorção ao cotidiano de trabalho, e, reduzido acesso aos bens culturais mais elementares, pleiteavam

⁴ Recomenda-se a leitura da obra do autor: *Sete lições sobre educação de Adultos*, São Paulo, Cortez, 1982.

⁵ A historiografia brasileira divide a República em vários períodos.

uma escola que trouxesse o resgate de direitos e superação das dificuldades. Nas cidades, na concepção positivista divulgada pela imprensa “burguesa”, os menores sem escola ou trabalho, eram considerados vagabundos, promovedores de arruaças, furtos e roubos, não considerando que tais atitudes pudessem representar mecanismos de sobrevivência em uma sociedade desigual que, na maioria das vezes hostilizava as classes populares.

A instalação de escolas e de oportunidades de trabalho, na esteira desse discurso, era entendida como responsabilidade do poder público, como forma de coibir vícios e indisciplina. Essa relação era assim representada: ordem-trabalho-educação-progresso.

Assim, sob a ótica republicana positivista, a escola era necessária para impor disciplina e manter a ordem nas cidades que se desenvolviam. Aos meninos sem escola ou profissão, soltos nas ruas e praças, e, por isso, considerados sem futuro, deveriam ser aplicadas medidas severas e disciplinares.

Pela análise de jornais sorocabanos do final do século XIX e início do século XX, é possível abstrair a preocupação dos segmentos sociais mais abastados com o que era considerado ação invasiva desses menores. O jornal *Diário de Sorocaba*, n. 416, p. 02, de 12/11/1882, em artigo “Menores Vagabundos”, expõe longamente a ação de bandos de menores infratores, trazendo desconforto e ameaça às pessoas de bem da sociedade sorocabana, pregando a necessidade de intervenção do poder público.

No artigo *Pela Infância*, no jornal citado, sobre os atos indisciplinados dos meninos de rua, pode ser percebida a reivindicação da instrução, como forma de combate ao vício e à indisciplina, mesmo que para isso fosse necessário recorrer à força e à coerção.

Não faltam nas nossas leis os meios necessários de que lancem mão as autoridades competentes para reprimir esse excesso de libidinagem e mesmo coagir os pais, tutores ou governantes desses infelizes e dar-lhes ocupação honesta. E quando tal não consigam ainda há um bom destino a dar-lhe: o exercito e a marinha sempre tem claras a preencher. (DIÁRIO DE SOROCABA, p. 1, 26 fev. 1893)

O artigo guarda resquícios das práticas comuns desde a época imperial. Nas capitais havia recrutamento de crianças a partir dos 9 anos para servir na Marinha, recrutamento esse, forçado pela ação policial nas ruas e nas oficinas de aprendizes.

A relação entre a manutenção da ordem e alcance do progresso foi constante na imprensa no início da República. O jornal *O 15 de Novembro*, em longo artigo, expõe de maneira objetiva a relação ordem-trabalho-educação-progresso para o país, sob a ótica declaradamente positivista. O artigo “Menores vagabundos”, alerta para os dois princípios que devem ser seguidos na educação da infância, essenciais para vencer na vida: disciplina e trabalho. Há duas forças que são contrárias em cada indivíduo, “o instinto do irracional e a razão do homem”. Para que a razão vença e o homem viva em sociedade, a disciplina, a obediência são necessárias desde pequeno.

Disciplina que sob as ellegorias e figuras bíblicas recebe a denominação de obediência não é outra sinão a ordem dos positivistas, e constitue-se o princípio básico de uma sociedade bem organizada. (O 15 DE NOVEMBRO, p. 01, 3 mar. 1907)

O outro elemento da educação é o trabalho:

que é o progresso, cujo habito não só põe o individuo de posse de todas as suas faculdades, como também corrobora a ratifica a disciplina adquirida. O individuo habituado à disciplina e ao trabalho é factor de progresso social de primeira ordem, porque estas duas virtudes, que não são outra cousa mais que o dominio sobre si, desbravam o terreno para aquisição de outras virtudes como sejam a paciência, perseverança, temperança, tolerância, honestidade etc., [...] fazendo assim o individuo subir de cathegoria de homem animal para a cathegoria de homem espírito. (idem)

Os editores concluem o artigo afirmando que, para os menores vagabundos, “o Instituto Disciplinar é o remédio ou antes a hygiene criada [...] onde recebem a necessária noção e aplicação ao trabalho.”

É possível, pois, considerar que o espaço jornalístico, na verdade, “constitui-se num instrumento de veiculação e manipulação de interesses diversos (públicos e privados), passa a atuar na vida social e, consequentemente, não fica alheio à realidade histórica, na qual está inserido”. (CARVALHO, 2004, p. 48)

EM BUSCA DA ESCOLARIZAÇÃO

A República Velha apresentou condições políticas e econômico-sociais favorecedoras da eclosão do movimento operário que agitou o país durante todo o período. Os trabalhadores, arregimentados em associações recém-instituídas eram simpatizantes ou militantes de várias tendências: socialistas, anarquistas, anarcossindicalistas e marxistas. Participaram das lutas por melhores condições de vida e, foram elementos importantes na passagem do sistema agrário-comercial para o urbano-industrial. A mobilização incluía a organização em associações, e, para além das greves, teve como expressão significativa, a imprensa operária, que assumiu as mais diversas formas - jornais, periódicos, panfletos, fascículos, folhetos e outras. A classe operária têxtil em maior escala, mas também a ferroviária, se faziam representar por publicações mais rotineiras e de identificação classista, não apenas locais, oriundos de outras praças, principalmente da capital paulistana. São exemplos dessas publicações *O Apito*, *Nossa Estrada*, *O Syndicato*, *Fanfula*, *La Barricata*, *A Plebe*, *A Lanterna* e outros.

Buscando uma maior racionalidade do processo investigativo sobre a História da Educação na cidade de Sorocaba, fez-se a opção por dois jornais:

- a) *O Operário*: periódico de manifestação operária, que foi publicado entre 1909 e 1913. Os editores o definiam como “Orgão de defesa da classe operária, noticioso, literário e de combate”. Tinha como bandeira a defesa dos direitos dos operários. Inicialmente a publicação teve orientação socialista e, na fase final, a tendência anarquista tornou-se mais evidente.
- b) *O Cruzeiro do Sul*: foi fundado em 1903, seguindo o costume das grandes capitais onde os partidos políticos publicavam suas idéias em periódicos próprios. Em Sorocaba dois grupos disputavam o poder, formando o Partido Republicano Paulista e o Partido Republicano Dissidente. O primeiro fundou *O 15 de Novembro* em 1902, tendo por editor o português João José da Silva. O segundo tinha por veículo *O Comércio de Sorocaba*, dirigido pelo jornalista português, Henrique Lopes. Quando deixaram de circular o grupo fundou o *Cruzeiro do Sul*. Em 1906 com a pacificação dos partidos, o jornal tornou-se órgão representativo do Partido Republicano Paulista - o PRP, sendo um dos sustentáculos do partido de Luis Pereira de Campos Vergueiro. O jornal se tornou uma publicação de grande circulação regional, de tendência conservadora, defensor das idéias de formação moral e cívica, o que na época, aproximava na cidade católicos e protestantes, e,

embora se definisse como “órgão republicano independente”, era na verdade um jornal partidário.

A imprensa operária local expressava as carências vivenciadas pelos trabalhadores: precariedade de recursos, baixos salários, longas jornadas diárias de trabalho (14 -15 horas), moradias insuficientes, falta de assistência aos doentes e de escolas. Juntamente com os sindicatos, a imprensa se apresentava como veículo de divulgação das lutas operárias, notadamente do ideário anarquista, uma vez que os trabalhadores não tinham representantes legais que os defendessem e não contavam com apoio da imprensa burguesa. Foram muitos os periódicos fundados de norte a sul do Brasil, nas capitais, proliferando também nas cidades interioranas que concentravam número expressivo de trabalhadores, caso de Sorocaba. O valor do jornal *O Operário* “como documento vivo desse período é incontestável porque é, acima de tudo, informativo e foi resultado de uma participação efetiva do individual e do coletivo no processo histórico”. (FERREIRA, 1988, p. 13)

As manifestações operárias ocorridas na cidade foram predominantemente de ordem econômica, de reivindicação salarial e melhores condições de trabalho e estavam quase sempre, apoiadas em ideologias como as de características libertárias e do sindicalismo revolucionário. De algum modo representavam interesses de classe e estavam consoantes com suas necessidades. Quase sempre, sofriam a ação do poder e do disciplinamento das empresas sobre o operariado urbano. Obedecendo a um planejamento maior da burguesia industrial no controle sobre a classe operária, para controlar os conflitos entre o capital e o trabalho, a administração usava elementos variados: promovia “concessões” de ordem social como caixas de aposentadoria, construção de vilas operárias, cooperativas, sociedades benéficas, escolas de aprendizes, as campanhas contra o alcoolismo e, incentivos às associações esportivas e de lazer cultural (bandas de música, etc.), do ponto de vista teórico, fizerem intenso uso dos preceitos tayloristas e dos seus regulamentos, a fim de extrair o máximo de produtividade. Araújo Neto (2006) destaca que a Estrada de Ferro Sorocabana representou bem essa mentalidade quando, em 1930, iniciou o processo de seleção e ensino profissional, com a escola de aprendizes anexa às oficinas de Sorocaba, como mais um instrumento de introdução e implementação de métodos científicos e racionais de trabalho. O objetivo era formar a nova mão-de-obra dentro dos rigorosos preceitos tayloristas e, também, selecionar os que melhor se enquadrassem ao novo modo de trabalhar.

Portanto, no contexto da criação das escolas verificava-se uma questão ideológica e circunstancial próprias. Melhor ilustrando: os libertários desde o início do século XX tratavam a questão da implantação de escolas na perspectiva das escolas proletárias, voltadas aos interesses da classe operária que “eduquem e ensinem”, e que também aproveitem a “nossa experiência e antes de mais nada, saiba, fazer ver a injustiça social”. (ARAÚJO NETO, 2006, p. 152)

A análise das publicações tem por objetivo geral, identificar os conflitos e o interesse dos grupos que, de modo latente ou manifesto, apoiavam a escolarização. Esse apoio em expansão promoveu a passagem da questão educativa, até então restrita ao espaço doméstico, para o espaço público. Mais especificamente, busca reconstruir o ideário para o qual convergiam o capital, operários e imprensa enquanto formadora de opinião.

Para que se possa compreender a luta pela escola, principalmente por parte dos trabalhadores, é necessária uma breve caracterização da realidade educacional na cidade. Até 1918, Sorocaba possuía dois grupos escolares criados em 1896 e 1914, instalados em prédios residenciais adaptados. O primeiro, Antonio Padilha, de 1896, recebeu prédio próprio apenas em 1913. Apesar da modéstia do prédio, comparado com outros construídos no interior, foi o único em muitos anos, que se aproximou da “escola republicana”, central, com visibilidade geográfica e também política, como obra do PRP e do chefe político local.

A criação de escolas dependia dos favores do chefe político Luiz de Campos Vergueiro⁶ e de sua ingerência junto ao governo estadual, cujas ações eram voltadas geralmente aos interesses da oligarquia dirigente, sempre louvadas pelo jornal Cruzeiro do Sul. Vergueiro liderou a política local e regional de 1906 até 1928, apoiado pelo referido jornal, que tornou-se órgão oficioso do Partido Republicano Paulista. Somente após seu declínio político a cidade pode contar com uma escola Normal e Ginásio. Vergueiro não tinha como aspiração pessoal a expansão escolar, pois considerava que a escolarização não era necessária para as atividades profissionais, além de entender que para uma população operária o ensino secundário e o normal seriam supérfluos. Assim, contradizia o discurso liberal de incentivo à escolarização, colocando-se na contramão da bandeira republicana de expansão da instrução primária, considerada, naquele momento histórico, essencial ao progresso da nação.

Os dois grupos escolares existentes até 1918 iniciaram suas atividades em sobrados alugados, sem condições necessárias às atividades escolares, o mesmo

⁶ De família de tradição histórica, Vergueiro foi Promotor Público em Sorocaba, Deputado Estadual, Vereador na Câmara Municipal, Prefeito Municipal e Líder do PRP, participando também de várias instituições filantrópicas e culturais da cidade.

acontecendo com o terceiro grupo escolar (1919). O terceiro, o Grupo Escolar Senador Vergueiro, foi instalado em região periférica, entre fábricas têxteis, com predominância de operários espanhóis, para atenuar a pressão exercida pelos grupos da população, quase sempre excluída. Deve ainda ser lembrado, que foi também considerado o interesse do patronato na formação de mão de obra, minimamente alfabetizada, a ser utilizada em suas fábricas têxteis.

Os filhos dos trabalhadores, sem condições de frequentar as escolas centrais, com poucas vagas e, também pela excessiva jornada de trabalho, permaneciam analfabetos, ou, quando podiam, frequentavam as escolas isoladas nos bairros distantes.

O jornal *Cruzeiro do Sul* retratou com clareza a força política pessoal e do PRP, como pode ser visto nas citações sobre os três grupos escolares. O Grupo Escolar Antonio Padilha, quando da instalação em prédio definitivo: “estava magnificamente installado [...] tão desejado pelos nossos conterrâneos e que forçoso é confessar, devemos ao nosso illustre e estimado chefe Dr. Campos Vergueiro”. (CRUZEIRO DO SUL, p. 2, 16 out. 1913)

Para reafirmar o poderio do “chefe”, o jornal registrava, sobre o segundo grupo escolar, que:

o antigo prédio (Padilha) [...] será aproveitado para o segundo grupo escolar que, devido aos esforços do nosso incansável chefe Dr. Campos Vergueiro, vai ser criado brevemente nesta cidade, com a reunião das escolas isoladas existentes. (CRUZEIRO DO SUL, p. 2, 4 out. 1913)

O terceiro grupo escolar, criado apenas em 1919 no Bairro Além Ponte, reduto da colônia espanhola e onde se localizavam as fábricas têxteis Santa Maria e São Paulo foi reconhecido como obra do líder local.

Graças à boa vontade e ao patriotismo do governo do Estado e graças também à operosidade nunca desmentida do nosso illustre e prestigioso chefe político sr dr Luiz Pereira de Campos Vergueiro, a população de Sorocaba será beneficiada com mais esse importante melhoramento [...]. Os meninos operários, distraídos indevidamente das escolas, ate há pouco, mas que devem frequentá-las, são em numero para fornecer classes enormes para as escolas mantidas pelo governo neste município. E assim que aos enormes serviços realizados em prol de Sorocaba pelo nosso prezado chefe, vem-se juntar mais este. (CRUZEIRO DO SUL, 25 abr. 1919)

Pode-se notar que, pela propaganda situacionista, as escolas foram criadas apenas pela interferência e boa vontade de seu chefe político, sendo desconsiderados os anos de luta pela escolarização da população.

Com relação ao jornal *O Operário*, pode-se notar na leitura das edições uma preocupação com a instrução do operário, procurando prepará-lo para o combate à burguesia, valorizando a liberdade, a democracia e a justiça. Em alguns artigos o jornal defende a implantação da escola moderna, racional, inspirada nas orientações de Ferrer⁷, lembrando: “as vantagens do ensinamento único racional, o único verdadeiro, o único digno de ser ministrado aos nossos filhos, para que não sejam amigos de padres e de [...] confessionários”. (*O OPERÁRIO*, 24 abr. 1910)

O jornal *O Operário* teve importante papel na organização da Liga Operária de Sorocaba, cujos estatutos foram aprovados em 18/11/1911; dela faziam parte o diretor redatores do jornal. A “Liga” foi responsável pela criação de uma escola noturna para crianças operárias, inspirada na escola moderna racional, tendo como professor Joseph Revier, imigrante francês anarquista, também colaborador do jornal. Seus redatores demonstram que tinham consciência de que o proletariado, ainda em formação, tinha a instrução como meio para alcançar a democracia: “o século XX será o século da democracia, [...] da independência racional amando-se a liberdade [...] sem preconceitos sociais e religiosos, sem as peias da ignorância, [...] mas isso pela instrução”. (*O OPERÁRIO*, p. 1, 1 jan. 1912)

O direito da criança à escola era consistentemente lembrado, embora reconhecessem a necessidade de seu trabalho. Nesse aspecto a luta se associava à redução da jornada do trabalho infantil, e não à eliminação de seu trabalho, para que pudesse estudar.

Os operários vivem amordaçados. [...] existem em Sorocaba fábricas que trabalham 15 horas por dia. [...] O operário precisa de descanso para se instruir, cuidar da educação de seus filhos [...] para que eles vejam a luz da verdade e da razão. É doloroso ver-se essa multidão de criancinhas desde as 5 horas da manhã até as 7 horas da noite numa escura fábrica expostos ao frio com risco da própria vida, quando nessa idade tão bela podiam gozar a felicidade d’uma escola. (*O OPERÁRIO*, p. 1, 13 maio, 1911)

⁷ Francesc Ferrer i Guàrdia, pensador espanhol, criador da Escola Moderna de Barcelona: um projeto prático de escola libertária. Para a Dra. Maria Aparecida Macedo Pascoal, pesquisadora dos movimentos imigratórios, ele desenvolveu o método racional, privilegiando a educação integral.

E, muito embora a necessidade obrigue os pais a mandar os seus filhos trabalhar, para ganhar o pão quotidiano, não obsta isso de modo algum para que a noite aprendam os mesmos a conhecer a verdadeira felicidade – a instrução. (O OPERÁRIO, p. 1, 03 dez. 1911)

Essa reivindicação, comum nos jornais, movimentos grevistas e programas de ligas e outras associações operárias, pode ser entendida quando se analisa as idéias de Marx e Engels. É de conhecimento que esses pensadores não produziram escritos específicos sobre educação e ensino. As idéias, sobretudo as marxistas, apresentam-se esparsas e relacionadas aos estudos filosófico-políticos ou sócio-econômicos. Nas Instruções aos Delegados do Conselho Central Provisório, AIT, 1868, Marx afirma que a instrução das crianças, idealmente, deveria ser iniciada antes dos nove anos, mas, considerando as reais condições de vida dos operários, a criança, a partir dos nove anos poderia ser empregada, desde que o trabalho produtivo pudesse ser combinado com a educação. (MARX; ENGELS, 1992)

O proletariado se reconhecia como classe, tinha consciência de sua importância. Ainda, percebia na escola, a oportunidade de ascensão social para seus filhos. No mesmo artigo, de 1910, o autor reconhece que a classe operária “é a alavanca para o progresso”, incentivando os pais a trabalhar e mandar seus filhos à escola, pois “vai servir para o futuro de vossos filhos”.

Além da escola racional, os articulistas procuravam responsabilizar o patronato pela oferta de escolarização às crianças.

Porque razão os proprietários de fábricas que mantêm essas pobres crianças em seu estabelecimento mediante salário diminutíssimo não arranjam professores particulares para os ensinar? É uma necessidade imprescindível que os proprietários de fábrica criem escolas noturnas para seus empregados, por sua conta sem a menor remuneração da parte delles, pois do contrário podemos contar com uma leva de perdidos que só poderão dar prejuízo a sociedade. (O OPERÁRIO, p. 1, 29 maio 1910)

A título de conclusão, é possível afirmar que o trabalho realizou um percurso pelas fontes documentais pertinentes à historiografia da educação escolar em Sorocaba, em três perspectivas: análise das relações constitutivas do processo de industrialização; investigação dos posicionamentos ideológicos e sociais pela escolarização no âmbito da classe trabalhadora e, seleção de material jornalístico da imprensa da época, sobre o assunto.

De início, um breve panorama da cidade, da trajetória de desenvolvimento e um identificador da sua composição populacional, constituída pelo braço e pelas idéias dos imigrantes europeus. População exclusivamente vista como força de trabalho que atendia às urgências do sobreviver familiar e a uma economia em expansão. Contorno ao percurso inicial, necessário, para melhor compreender o momento em que, trabalho e escolarização, por interesses distintos, cruzam suas expectativas de sentimentos e valorização da empresa, do trabalho enquanto engrandecedor do homem e da coletividade, encarnados na pátria e no país.

Por isso, o texto compartilha com Goergen (2005) a idéia pela qual os objetivos propostos no universo escolar representam de algum modo interesses de vários segmentos, prevalecendo os interesses dos segmentos sociais, econômicos e politicamente mais poderosos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aluísio de. História de Sorocaba. Sorocaba: IHGGS, 1969.
- ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. Entre a evolução e o corporativismo: a experiência sindical dos ferroviários da E.F. Sorocabana nos anos 1930. 2006. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BOSCHETTI, Vania Regina e outros. Fundindo, tecendo, trilhando... aspectos da educação profissional em Sorocaba. Revista Histedbr-on-line, 2005. Disponível em <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>>.
- CARVALHO, Carlos Henrique de. República e imprensa. As influências do positivismo na concepção de educação do professor Honório Guimarães. Uberabinha -MG- 1905-1922. Uberlândia, MG: Edufu, 2004.
- CRUZEIRO DO SUL. Sorocaba, SP, 16 out. 1913.
- DÁRIO DE SOROCABA. Sorocaba, SP, 26 fev. 1893.
- FERREIRA, Maria Nazareth. Imprensa operária no Brasil. São Paulo: Ática, 1988.
- FERREIRA, Valdelice Borghi. Instrução para todos: a educação escolar na imprensa. Revista HISTEDBR on-line, n. 21, p. 153-165, mar. 2006. Disponível em <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>>.
- GOERGEN, Pedro L. Ética e educação: o que pode a escola? In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (Orgs.). Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas. Campinas: Autores Associados, 2005. v. 1.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos sobre educação e ensino. São Paulo: Editora Moraes (tradução), 1992.
- MENDES JR., Antonio; RONCARI, Luiz; MARANHÃO, Ricardo. Brasil história: texto e consulta. São Paulo: Brasiliense, 1977. v. 2, p. 54-55.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Educação, saber, produção em Marx e Engels. São Paulo: Cortez, 1993.
- NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de Formação dos Trabalhadores: para além da formação política. Conferência In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE TRABALHO E PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES, 2006, Fortaleza, CE. [Trabalhos apresentados...]. Fortaleza, CE: UFF, 2006.
- O OPERÁRIO. Sorocaba, SP. Edições de 1909 a 1913.
- O 15 DE NOVEMBRO. Sorocaba, SP.
- SCHELBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, José Carlos de Souza (Orgs.). História da educação pela imprensa. Campinas, SP: 2007.
- STRAFORINI, Rafael. No caminho das tropas. Sorocaba, SP: TCM, 2001.

Recebido em: fev./2008

Aprovado em: abr./2008